

# A Furiosa vai à forra!

Ângelo Dias<sup>1</sup>

CD e partitura: *Danças de outros tempos*.

Músicas do acervo de Baltasar de Freitas, de Jaraguá. Banda Sinfônica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás, dirigida por Marshal Gaioso.

Editora: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura. Goiânia, 2006.

Quem nunca ouviu falar nas famosas Furiosas ou Serafinas, aquelas bandinhas do interior que animam as tardes de domingo em cima dos coretos? Apesar do tom bem-humorado com que muitos se referem a eles, estes conjuntos de sopros são remanescentes de uma refinada tradição musical centenária brasileira. Nos dias de hoje, as bandas de música estão quase que invariavelmente ligadas a eventos cívicos. Engalanados em seu fardamento reluzente, músicos militares executam os hinos pátrios e alguns dobrados para animar o público, antes que as autoridades presentes assumam o comando da solenidade. Ou então, nos desfiles e paradas, o ritmar das fanfarras de escolas públicas mantém disciplinados os estudantes que marcham pelas ruas da cidade. Pelo país afora, existem, sim, algumas bandas sinfônicas profissionais – poucas, mas de significativa atuação cultural –, mantidas pelo Estado ou pela iniciativa privada, e que se dedicam quase exclusivamente a um repertório de concerto mais sério e elaborado, com músicos altamente preparados. Mas, a grande maioria das bandas ainda é constituída pelas militares e escolares, e todas são importantes núcleos de iniciação musical da juventude.

Outros tempos, outras práticas. Se recuarmos cem ou 150 anos em direção ao passado, encontraremos um cenário completamente diferente. A partir da segunda metade do século XIX, as bandas de música passaram a ser a principal atração musical das cidades do interior do Brasil. Afastada das comodidades sociais e culturais dos grandes centros – casas de ópera, teatros, orquestras sinfônicas profissionais – a boa sociedade interiorana via na prática musical doméstica dos saraus e nas apresentações das bandas de música um paliativo para seu isolamento em relação ao resto do mundo. E a Província de Goyaz não era exceção. As bandas, civis ou militares, tocavam de tudo e em todo lugar: no coreto, no baile, no teatro, na procissão, na igreja, nas festas das irmandades. Nas missas solenes cantadas por coro e orquestra, os sopros muitas vezes substituíam ou dobravam as poucas cordas existentes. É comum encontrarmos partituras daquela época grafadas “Primeiro violino em si bemol”, prova incontestável de que a parte seria executada por uma clarineta. Até nos recitais de canto, em que árias de ópera eram a tônica do programa, a banda tocava melodias consagradas e aberturas no intervalo do concerto. Na virada do século XX, quando o cinema chega a Vila Boa, as bandas preenchem com música o mutismo da película.

---

<sup>1</sup> Ângelo Dias é doutor em Artes Musicais – Canto e Regência Coral – pela University of Oregon (EUA), mestre em Música – Canto – pela University of Wyoming (EUA) e bacharel em Canto pela UFG. É professor da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG e regente convidado do Coro Sinfônico de Goiânia

Na história de Goiás, algumas bandas tornaram-se famosas. Entre as militares, a Banda do Batalhão 20 e a do 6º Batalhão de Caçadores, ambas na antiga Vila Boa. A Banda do 20, como era conhecida, chegou a tomar parte na guerra do Paraguai, animando as tropas na fronteira do Mato Grosso. Entre os grupos civis, a Banda Euterpe – fundada pelo grande maestro e compositor Antônio da Costa Nascimento (1837-1903), o Tônico do Padre – e a Banda Phoenix, estas em Pirenópolis.

Muitas outras cidades do interior da província também tiveram vida musical ativa, nas quais as bandas estavam quase sempre à frente do movimento musical. Três delas – Jaraguá, São José do Tocantins (atual Niquelândia) e Traíras – se destacam por terem um interessante ponto em comum: todas foram reduto ancestral da famosa família Ribeiro de Freitas, que desde o século XVIII até o presente tem-se revelado uma das mais notáveis forças motrizes no desenvolvimento sócio-cultural de nosso estado.

Havia entre eles padres, músicos e profissionais liberais que se espalharam pela região, levando consigo seus baús cheios de partituras e livros, formando um importantíssimo acervo coletivo que foi passando de geração em geração até chegar às mãos do maestro Balthasar de Freitas (1870-1936), advogado provisionado e exímio instrumentista, regente e compositor da cidade de Jaraguá. Figura marcante no ambiente musical de seu tempo, o maestro Balthasar aproveitou para fundar e estimular diversos grupos musicais pelas cidades que percorria em seu afã de prático das leis da comarca. Em Jaraguá, fundou uma importante banda civil que era integrada por seus familiares, amigos e até empregados. Para este grupo, compôs inúmeras peças, arranjou e copiou outras tantas, e recebeu de colegas de várias partes um grande número de músicas, assim aumentando ainda mais o já vultoso acervo que herdara de seus antepassados.

Graças ao projeto Valorização do Arquivo Balthasar de Freitas, patrocinado pela Lei Goyazes, e elaborado pela professora Ivana Carneiro – atual detentora do arquivo – e pelo maestro e pesquisador Marshal Gaioso, tão importante documento da memória musical goiana volta à vida sob a forma de catalogação completa, editoração e publicação das partituras e gravação de CDs. São mais de quinhentas obras, agora divididas em três coleções: *Música Sacra*, na qual se destaca a Missa de Santo Ambrósio, de autoria do próprio maestro, *Música Impressa* e *Música Instrumental*. E extraída desta última, sai agora a primeira publicação do projeto: *Danças para Banda*, uma coletânea de catorze partituras acompanhadas de comentários críticos, numa primorosa edição do Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, executor do projeto. O CD que acompanha o livro, *Danças de Outros Tempos*, foi gravado por membros da Banda Sinfônica de Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás (Cefet), sob a regência de Marshal Gaioso.

Como a maioria das obras musicais encontradas em qualquer acervo antigo é preservada sob forma das chamadas partes cavadas, ou seja, apenas as partes individuais de cada músico, é

comum a restauração de uma peça completa quando a parte de algum instrumento do conjunto se perdeu. Com o respeito aos originais e o zelo musical que têm marcado Marshal Gaisoso, com o selo da liderança nesta fase contemporânea da pesquisa musicológica em Goiás, as obras gravadas no CD foram reconstruídas de forma a manter seu sabor inconfundível de outros tempos, ainda que as tornando um repertório acessível às bandas de hoje, inclusive as escolares.

A execução do grupo de sopros do Cefet é excelente. A opção pelo uso de um reduzido conjunto de câmara, ao invés da banda completa, parece emprestar às interpretações uma aura de sarau, remetendo-nos, como diz o próprio título, a danças de outros tempos. A precisão rítmica e de articulação, os contrastes de dinâmica e a afinação são realmente exemplares. Na mixagem do CD, porém, sentimos quase que um certo predomínio exagerado da melodia principal em algumas das peças, cujo dobramento por vários instrumentos já lhes garantiria *per se* uma posição hierárquica acima da harmonia. Em contrapartida, os contracantos, quase sempre a cargo do bombardino, instrumento que o maestro dominava, (e.g. *A goianinha*) – e algumas deliciosas células rítmicas e melódicas dos baixos (e.g. *Fala, meu louro* e *Pirenópolis*) – soam um pouco distantes e tímidos em relação à melodia principal. Uma exceção é *Mês de Maria*, em que os duos de trompetes e de trombones exibem um *cantabile* bastante presente.

Mas são detalhes mínimos que, de forma alguma, nos privam do prazer de ouvir um registro tão saboroso do passado musical goiano. Esperamos ansiosos pelo próximo lançamento do projeto!